

# Penna, Agulha e Colher

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcáa  
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»  
Anno VIII—Num. 46

Anno II

Florianópolis, 31 de Agosto de 1918

Num. 3

## Um pouco de illusão

Vertido do francez por Zenir Alcáa)

A *felicidade*, flor do céo que o bom Deus nos emprestou para sustentar nossa esperança, não pode aclimatar-se completamente na terra, e tem necessidade, para nos dar seu perfume, dum elemento que parece estranho á sua natureza.

Esse elemento—é triste dizel-o, mas é verdade—é a *illusão*.

Comprehendamos bem essa palavra, porém!

O pouco de illusão que requerem nossas relações não pode estender-se ao nosso valor pessoal, nem ao merito de nossas obras, mas sómente ao merito dos outros e á bondade do seu coração, e não póde sahir da familia e desse pequeno circulo de amigos intimos que completa a familia ou a substitue.

Então, só então, a illusão é boa, é proveitosa, é mesmo santa.

A illusão é como *um vidro de doce transparencia*, através do qual nós vemos as pessoas e as cousas.

A illusão mal nos deixa ver as asperezas do caracter daquelles com quem devemos viver. Ella tingê de doce colorido, ou, melhor, de affectuosas intenções, os actos de bondade dos que nos cercam.

Ella nos faz imaginar seu sorriso mais franco, mais sincero, e, levando-nos a penetrar até o fundo do seu coração, faz-nos julgar os bons e indulgentes para conosco.

E a illusão não só me faz julgar bem dos outros, mas me dá a convicção de que os outros, *os meus*, julgam-me como eu os vejo.

A illusão enfraquece, ao chegarem aos meus ouvidos, *as palavras* que por si mesmas teriam algo de aspero, de severo ou mesmo de injusto, e essas palavras não me doem; e, si me magoam, são como a gota de chuva, que cahindo sobre a flor, não a machuca senão por um instante.

E quando penso nos meus, quando os vejo trabalhar e quando me recolho, á noite depois de nossas relações ordinarias, eu commigo vou dizendo: como elles são bons! como são pacientes! como valem mais do que eu!

O' almas que me lêdes, como não sentir, com esses pensamentos na alma, como não sentir um impulso de enthusiasmo, sempre crescente, que nos leva ao trabalho, á dedicação, á abnegação pessoal, e nos dá essa alegria que faz até esquecer as misérias da vida?!

Como não sentir então as doçuras da vida de familia?!

E essas doces illusões têm todas as almas em que habita Nosso Senhor Jesus Christo, como elle habitava na sua casinha de Nazareth.

Mas então, ó Salvador Jesus, é o nome de illusão que compete a *essa vida* tão boa, tão cheia de encantos?

Não é ella então a pura realidade?...

Ah! si nós conseguíssemos imaginar sempre *entre nós e os nossos* vossa imagem bendita, não veríamos, nos companheiros de nossa peregrinação, a vossa bondade, a vossa sabedoria, a vossa misericórdia, a vossa dedicação?!

Não seriam elles sempre os vossos mensageiros, trazendo-nos vossas ordens, reprehendendo-nos, dirigindo nosso trabalho?!

Ah! então *essa vida* seria *verdadeiramente* tão boa, tão doce, tão cheia de encantos!...

Fazei-nos o dom dessa *illusão santa*, ó amado Jesus, para que a felicidade, essa mimosa flor dos jardins celestiaes, floresça também no jardim do nosso lar!...

## Receitas

*Cocadas de abobora com leite de côco*

Descasca-se a abobora e corta-se em pedacinhos, pondo-se a coziuhar; em seguida passa-se por uma peneira fina.

## PENNA, AGULHA E COLHER

—Publicação semanal—  
Assignaturas

Anno. . . . . 2\$000  
Mez . . . . . \$200

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

*A assignatura annual para os assignantes da «Epoca» custa 1\$000.*

Para 250 gr. de massa de abobora, 250 gr. de assucar. Misturam-se a abobora e o assucar, e vão ao fogo numa panella. Quando a massa estiver largando do fundo da panella, põe-se o leite de um côco e fica no lume até ficar num ponto bem alto. Fazem-se então as cocadas, que se collocam num prato ou numa taboa, que vae ao sol até ficarem com a parte exterior endurecida.

*Pudim de laranja*

12 ovos, 1 prato pequeno de assucar e o sumo de 3 laranjas.

Batem-se os ovos com o assucar pouco tempo, ajunta-se o sumo das laranjas e põe-se tudo em fôrma untada com assucar queimado, cozinhando-se em banho-maria.

*Contenta-te com o que és!*

*Fabula dramatica em 5 pequeninos actos*  
Adaptação de Edésia Aducci

ACTO V

O scenario do 1º. acto

SCENA VII

*Carlota, Rosinha, etc.*

A PRINCEZA — Sim, nós te perdoamos, esperando que seja sincero o teu arrependimento.

O PRINCIPE — Ainda bem que te arrependeste, pois seria uma continua atropalhação semelhante encantamento!

SCENA VIII

*Os precedentes e D. Catharina*

D. CATHARINA — (entrando, muito espantada) Ué! o Sr. principe e a Sra. Princesa! E tu, Rosa, vestida como si fosses uma princezinha?! Que será isto?!

ROSA e CARLOTA — Nós tinhamos sido transformadas uma na outra!

D. CATHARINA — Então é mesmo verdade que Rosa era uma princesa, e que a princezinha Carlota estava em nossa casa?! Oh! si eu o tivesse sabido. . . Pobre

menina! perdôe-me!... Mas como fo não reparei nisso?

CARLOTA — Pois é! agora foi que não appareceu...

ROSINHA — ...e nos deu outra vez o nosso rosto.

SCENA IX

*Chegam as creanças, vindo João sua frente*

JOÃO — Creanças, vinde cá! A Rosinha tornou-se uma princeza!

ALGUMAS CREENÇAS — (admiradas) Ah! Rosinha é uma princeza!

ROSINHA — Foi alguns dias, mas o é mais! O' creanças, vivei sempre tentes com a vossa sorte!

A PRINCEZA — Sim, creanças, vivei tentes, e nunca desejeis sahir da casaterna, porque é o unico lugar em que reis felizes.

ALGUMAS CREENÇAS — Sim! com pai e mamãe seremos felizes, e nada mais desejaremos!

(Cae o panno)

FIM

Diario da Filha de Maria

*Recoser a vida*

IV

Remedio contra os rasgões do tecido da vida.

Ha um só remedio: o trabalho assiduo. O trabalho começado a tempo — o trabalho continuado pausadamente apesar da impaciencia do espirito, apesar da agitação e phantasia, apesar dos desgostos, apesar dos attractivos que a imaginação mostra em outra parte — o trabalho feito até ao acabamento da obra imposta ou da hora fixa — o trabalho interrompido somente por um olhar amoroso e submisso para o crucifixo que lhe está fronteiro, ou por um serviço prestado ao proximo.

Cose-se uma fazenda, approximando, se deixar espaço entre elles, os pedaços rotos e depois, com o auxilio de uma agulha que os penetra, passa-se de um a outro fio que lhe dá de novo sua fôrma, permitindo-lhe ser ainda utilizada.

O trabalho é essa agulha que reúne minutos, formando as horas do dia; o fio que os une é a vontade que penetra o trabalho, o activa e o mantém, e é sobretudo o pensamento na vontade de Deus que dá vontade e ao trabalho, a constancia que lhes é necessaria.

Deus fez nascer do trabalho, que o trabalho sensato rege, elle, duas filhas: a virtude, que nos enche de doce alegria, e a alegria, que torna encantadora a virtude.

Fim

## Voltando

Querida Zenir

Não quero mal ao Sr. Valeriano, e muito menos a ti, minha meiga companheira.

Sim, tens razão, culpadas são as nossas emissas collegas, inclusive eu, que não compareci com minha desageitada penna no dia festival do nosso gen. il. semanario.

Porém já sabes o motivo.

Creio que as intelligentes collaboradoras da nossa «Penna» aceitarão com agrado a condição imposta pela laboriosa directora: serem mais activas na collaboração.

E eu, com muito prazer, acceito a incumbencia de animal-as de vez em quando, já que com tanta generosidade me consideras—a mais valente.

Quero, pois, merecer esse honroso superlativo.

Mas só o farei tambem com esta condição: nunca mais recorrerás, para preencher as lacunas da nossa secção, a trabalhos masculinos.

Não que o talento masculino deixe de ser, por vezes, admiravel e digno dos nossos applausos e louvores; porém, temos tantas e tão bellas producções de distinctas patricias, que muito melhor ficariam em nossa secção—exclusivamente feminina...

Olha bem que isto não é feminismo, não. Afinal, talento não tem sexo, nem idade, nem condições...

Poderemos tambem traduzir lindas composições de illustres senhoras estrangeiras...

Emfim, o que eu desejo é ver prosperar o nosso jornalzinho.

Ah! quem o pudesse transformar numa mimosa revista, como, por exemplo, «A Estrella», que eu recebo do Ceará, dirigida por Antonietta Clotilde, ou como «O Corymbo», de Revocata e Julieta de Mello, illustres jornalistas rio-grandenses.

Em ambos esses jornaes, eu, de há muito, collaboro.

«A Estrella» registra agora o seu 12º anniversario; e «O Corymbo» já completou 14 annos de existencia.

Isso, sim, é bello, é nobre, é patriotico e honroso para o nosso sexo e para a nossa Patria!

A campo, pois, uma a uma, todas as gentis collaboradoras da «Penna, Agulha e Colher».

Eia! assim como os nossos jovens e valentes patricios cerram fileiras em defesa da Patria, corramos nós á penna—arma gentil do pensamento—que devemos empunhar em prol da Boa Imprensa e para honra da nossa terra e gloria da mulher brasileira.

Não fique, pois, na retaguarda o queridissimo Estado de Santa Catharina!

Catharinense—não quer parecer soldado bisonho.

Vinde, pois, donas e donzellas; não fiquéis inactivas, como «donas invalidas» a espreitar de vez em quando pelas setteiras, si cavalheiros moros vêm a correr até a barbacã...

Palhoça, 25-8-1918

Heloisa

## A eterna canção...

A' minha gentil amiga W. B. V

Caía lentamente a tarde. O mar vinha de mansinho beijar os pés de sua eterna noiva—a praia. Pouco a pouco o profundo silencio que reinára até então, na pequena aldeia, ia desaparecendo, para dar lugar a um certo movimento, promovido pela entrada dos camponeses, que, depois de terem passado o dia entregues aos trabalhos campestres, vinham gosar a entrada da noite com os seus. Tambem aquelles que tinham escolhido a vida de marujo, e detestado os trabalhos agricolas, vinham-se chegando. A's portas das humildes casinhas chegavam-se as moças, esperando os noivos; as creanças, esperando os paes; as mulheres, os esposos. E, como si de volta de uma viagem longa, apertavam-se as mãos, pronunciando phrases de alegria. Eram todos felizes. Apesar de não serem ricos em bens terrestres, eram-no em virtudes.

Todos os rostos sorriam; só além, naquella ultima cabana, eis que apparece um rosto pallido, moço, bem moço, mas transpassado por uma dôr profunda. Os bellos e negros olhos deviam ter tido antigamente um brilho seductor. Hoje, elles eram vidrados, embaciados pelas muitas lagrimas que tinham derramado. As magras mãos postas, apertadas contra o peito; o bello rosto, voltado para o céo, tudo isso fazia lembrar uma pobre martyr! E ella o era. Ah! quando recordava os horrores por que já passára, muitas vezes perguntava a si mesma como era possivel ainda supportar a vida; é que uma vaga esperanza a retinha ainda no mundo.

Não ha muito tempo que ella tambem sahia ás tardes para ir receber seu jovem esposo, e numa tarde, depois de uma horrenda tempestade, que desabára subitamente, ella esperou em vão pelo que lhe jurára fidelidade perante Deus; em vão, porque elle nunca mais voltou.

Com o riso entre os labios ella avistára de longe as embarcações; e uma a uma atra-

cavam, mas a barca em que vinha o seu marido não se achava entre ellas...

Já pallida, ella vira as primeiras chegarem, e, quando a ultima poz ferro, ella cahiu para traz sem proferir uma palavra. Caridosos visinhos a acolheram, e, quando despertou da vértigem que a dominára e quando tornou a lembrar o que se passára, uma mudança subita nella se operou. Foi forte, subjugou a dôr que despedaçára seu coração, e trabalhou para seu sustento, sem querer aceitar as esmolas que os habitantes da aldeia lhe davam. E todas as tardes, ao pôr do sól, eila apparecia á porta da cabana, e, depois de percorrer com o olhar o horizonte, como se quizesse traspassá-lo, elevava uma fervorosa prece ao Altíssimo.

Mas uma tarde ella não appareceu, e, percebendo isso os visinhos, penetraram em sua pobre morada, e então vram a razão de sua ausencia: sobre o leito, com o crucifixo entre as mãos, jazia aquella pobre viuva, que tanto tinha penado e que descansava agora no Senhor. Um riso de felicidade embelezava aquelle rosto immovel pela morte, um riso de esperança, pois lá ella tinha certeza de o encontrar.

*Nora Sanfelice*

### Agradecimento.

A's boas amigas D. Delminda Silveira, D. Alzira da Costa e Silva, Heloisa, Fabiolina, Zanessa, Thelma e Mary

*Zenir Alcá*

agradece, *ex-corde*, os parabens e as palavras de estímulo que lhe enviaram pelo primeiro anniversario da "Penna, Agulha e Colher", fazendo votos pela felicidade pessoal de cada uma.

### Dominios da Esphinge

Quarto torneio charadistico

(Julho, Agosto e Setembro)

58) SYNÇOPADA

3- Nesta embarcação há um archote - 2

*I. A.*

59) NOVISSIMA

O animal de diante está fluctuando - 1,2

*I. A.*

A EPOCA encontra-se á venda durante toda a semana na casa do sr. Amadeu Beck, á rua Felipe Schmidt 5, e na casa «Grecia», á praça 15 de Novembro.

### 4) ANCILLA DOMINI

## O resgate de um pae

JORNAL DE CECILIA

25 de Julho

O candido lirio é Maria Immaculada. Luiz de Gonzaga, é o divino Esposo, José. E a dahlia então quem será? É claro que é o phariseu que se julgava uma perfeição...

Cecilia, onde vaes parár com essas fantasias?

São pelo menos innocentes, não são, não Senhor Jesus?

Outras vezes, ellas, as flôrinhas que Deus creou para aformosear o nosso exilio, lembram-me as diversas vocações:

O casto lirio representa a virgindade; violeta é a resignada viuvez christã.

Qual dellas representará o matrimonio? A rosa, por causa de seus agudos espinhos. Que symboliza então a minha grande tipathia?

A dahlia é uma solteirona rabugenta, de máu genio, que se conservou no celibato não por gosto, mas... por falta de marido e então vingá-se da sorte derramando o toro de si seu halito mal cheiroso. Por ti veja procura embaciar a reputação das innocentes margaridas que a rodeiam.

Basta, Cecilia! vaes longe em tuas digressões! Que são ellas sinão a necessidade de expansão de uma alma solitaria? Vão tão isolada!

27 de Julho

Estou lendo cousa muito seria, um apologetica para poder conversar com o pae sobre os dogmas de nossa fé.

Como podem alguns homens viver sem religião? Papae não é dos peiores; crede alma; falta o résto. Temos tido conversas muito serias. Tomei diante do altar a resolução de nunca me azedar nessa discussão sobre a fé nem de querer mostrar erudição e leitura. Detesto o tom dogmatico pedante de algumas senhoras logo que tenham um dedo de cultura intellectual...

Falarei, pois, com a maior meiguice que fôr possível como se fala a uma criança doente.

Depois do almoço, que é ás 11 horas papae vaes para o seu consultorio, onde demora até 6 e ás vezes 7 horas da tarde.

Vendo-me tão só, o caro papae propoz-me, a contra-gosto, tomar para mim uma governante ou dama de companhia. Com seu genio concentrado seria para elle enorme sacrificio ter uma estranha na intimidade do lar... preiuro supportar o isolamento.